

## Competição entre *afinal* e *enfim* Competition between *afinal* and *enfim*

Ivanete Mileski\*  
Konrad Szcześniak\*\*

---

**RESUMO:** O presente estudo concentra-se no uso dos marcadores discursivos *afinal* e *enfim* a partir de dados do *Corpus* do Português Davies-Ferreira. Primeiramente, faz-se uma breve apresentação sobre marcadores discursivos. Em um segundo momento, buscam-se elencar os usos mais comuns de cada um dos marcadores em foco no estudo para, posteriormente, abordar seu desenvolvimento diacrônico. Segue-se a análise dos dados, cujo intuito é comparar o número de usos de *afinal* e de *enfim* com o valor justificativo, uso que os dois marcadores partilham. A partir da análise, foi possível verificar, entre outros resultados, que: a) a frequência de ambos os marcadores diminuiu do século XIX para o século 20; b) o marcador *enfim* com valor justificativo, mais frequente que *afinal* com o mesmo valor no século 19, foi superado em frequência por *afinal* no século XX. A maior frequência de *afinal* justificativo em relação a *enfim*, no século XX, está de acordo com o Princípio de Contraste, postulado por Clark (1980).

**PALAVRAS-CHAVE:** Marcadores discursivos. Implicatura convencional. Desenvolvimento diacrônico. Princípio de contraste.

**ABSTRACT:** The present study focuses on the use of discourse markers *afinal* and *enfim* based on data of Corpus do Português Davies-Ferreira. First we offer a brief presentation on discourse markers. In a second step, we list the most common uses of the markers discussed in this study, and later we approach their diachronic development. These are followed by an analysis of the data, whose purpose is to compare the number of uses of *afinal* and *enfim* with a justificative reading, a use the two markers share. Through the analysis, we found, among other results, that: a) the frequency of both markers decreased from the 19<sup>th</sup> to the 20<sup>th</sup> century; b) the marker *enfim* with a justificative reading, which was more frequent than *afinal* with the same value in the 19<sup>th</sup> century, was surpassed in frequency by *afinal* in the 20<sup>th</sup> century. The greater frequency of the justificative *afinal* in relation to *enfim* in the 20<sup>th</sup> century is in accordance with the Principle of Contrast, postulated by Clark (1980).

**KEYWORDS:** Discourse markers. Conventional implicature. Diachronic development. Principle of contrast.

---

### 1. Introdução

Podemos chamar de marcador discursivo (MD) palavras ou expressões que funcionam como mecanismos que indicam a relação entre unidades textuais e/ ou entre os interlocutores

---

\* Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre

\*\* Uniwersytet Śląski, Polónia

(PENHAVEL, 2005). É necessário ressaltar, no entanto, que estudos sobre MDs são numerosos, bastante amplos e apresentam pontos divergentes no que se refere à sua definição. Risso, Silva e Urbano (2002, p. 21) afirmam que

Trata-se de um amplo grupo de elementos de constituição bastante diversificada, envolvendo, no plano verbal, sons não lexicalizados, palavras, locuções e sintagmas mais desenvolvidos, aos quais se pode atribuir homogeneamente a condição de uma categoria pragmática bem consolidada no funcionamento da linguagem. Por seu intermédio, a instância da enunciação marca presença forte no enunciado, ao mesmo tempo em que se manifestam importantes aspectos que definem sua relação com a construção textual-interativa.

A introdução que ora apresentamos destina-se a situar o leitor acerca do objeto deste estudo sem, no entanto, aprofundar o debate sobre entraves relacionados à definição de MD<sup>1</sup>. Vejamos o exemplo a seguir:

- (1) Sinhá Rita tinha quarenta anos na certidão de batismo, e vinte e sete nos olhos. Era apessoada, viva, patusca, amiga de rir; **mas**, quando convinha, brava como diabo. (Machado de Assis, *O caso da vara*)

Em (1), a conjunção contrastiva **mas** funciona como marcador discursivo da relação de diferença entre as características de Sinhá Rita; a personagem, ao mesmo tempo em que era *amiga de rir* (risonha), também era *brava*. Nesse exemplo, **mas** pode ser suprimido, no entanto, sua inserção no texto explicita o sentido que existe entre as unidades textuais por ele vinculadas.

Como apontado inicialmente, são chamados de marcadores discursivos também os elementos que indicam a relação entre os interlocutores, isto é, elementos que, embora possam também estar vinculando unidades textuais, remetem de forma explícita para a situação discursiva. Vejamos o exemplo em (2):

- (2) — **Olha**, Bandeira — diz ele —, se queres discutir esse problema a sério, estou à tua disposição, mas para brincadeiras não contes comigo. (Érico Veríssimo, *O arquipélago*)

---

<sup>1</sup> Para uma discussão acerca de diferentes abordagens sobre marcadores discursivos, ver Penhavel (2012). Risso Silva e Urbano (2002) discutem os traços definidores dos MDs a partir de dados do projeto NURC (Norma Linguística Urbana Culta) para a variedade brasileira o português.

Em (2), **olha** também funciona como marcador discursivo; no entanto, diferentemente de **mas** em (1), não estabelece uma relação textual, mas discursiva, e remete ao interlocutor a quem se dirige a fala.

Como é possível notar, MDs podem exercer funções textuais ou interacionais; no primeiro caso, são elementos coesivos e importantes para a atribuição de coerência à sentença, ao passo que, ao remeterem à situação discursiva, não fazem parte do componente proposicional. Um dos aspectos apontados por Risso, Silva e Urbano (2002, p. 53) como definidor da classe de MDs é justamente sua operação “no plano da atividade enunciativa e não no plano do conteúdo” embora assegurem a “ancoragem pragmática desse conteúdo, ao definirem, entre outros pontos [...] a orientação que o falante imprime à natureza do elo sequencial entre as unidades textuais”.

No que se refere ao artigo ora apresentado, tratar-se-á de marcadores discursivos do primeiro tipo – *afinal* e *enfim* –, isto é, que indicam primordialmente a relação entre sequências de texto. Blakemore (2002, p. 1) chama a atenção, no entanto, para a denominação dada a esses segmentos (*discourse marker*), ao afirmar que,

parece que o termo ‘discurso’ destina-se a sublinhar o fato de que o seu papel deve ser descrito no nível do discurso em vez de no nível da sentença, enquanto o termo ‘marcador’ destina-se a sublinhar o fato de que seus significados devem ser analisados em termos do que eles indicam ou marcam, e não do que eles descrevem<sup>2</sup>.

A autora ressalta ainda que, embora o termo marcador discursivo não se restrinja a definir uma classe particular de expressões — como o leitor pode ter observado, haja vista a diferença morfológica entre os vocábulos *mas* e *olha*, por exemplo —, ele precisa distinguir-se de outros indicadores discursivos; conforme Blakemore (2002), essa propriedade costuma ser atribuída à sua função como marcador de relações entre unidades do discurso.

Penhavel (2012), em trabalho que busca analisar pontos em comum entre diferentes abordagens sobre marcadores discursivos, entende que a propriedade comum entre elas diz respeito ao fato de considerarem marcadores discursivos elementos que *facilitam o*

---

<sup>2</sup>“it seems that the term ‘discourse’ is intended to underline the fact that their role must be described at the level of discourse rather than the sentence, while the term ‘marker’ is intended to underline the fact that their meanings must be analysed in terms of what they indicate or mark rather than what they describe”.

*processamento do discurso*. Esse entendimento desdobra-se em dois aspectos principais, conforme o autor: “(i) a ideia de que os MDs explicitam significados implícitos no discurso; (ii) a posição de tratar MDs como elementos com algum tipo de estatuto subsidiário” (PENHAVEL, 2012, p. 79). Como afirmado sobre o MD *mas* em (1), embora seu uso possa ser dispensado sem causar grande prejuízo à compreensão, sua inserção no enunciado marca a relação entre as característica da personagem e, nesse sentido, facilita o processamento.

Penhavel (2012, p. 83) afirma que a ausência total de MDs em pontos de sequenciamento acarretaria demasiado esforço cognitivo, em termos de processamento, por parte do ouvinte, uma vez que o sentido seria necessariamente construído por implicações e interpretações contextuais; por esse motivo é que MDs podem ser compreendidos então como *explicitadores e facilitadores*.

Esse caráter auxiliar de marcadores tem consequências para a coexistência de marcadores com funções semelhantes. Como vamos demonstrar no presente trabalho, o “estatuto subsidiário” permite uma interpretação menos precisa de marcadores, o que torna mais difícil a tarefa de identificar diferenças entre os marcadores mais próximos. Na prática, isso significa que o falante pode ter dificuldade em estabelecer se dois marcadores próximos diferem de forma significativa ou não. No entanto, existem mecanismos que eliminam sinonímia total e eles estão ativos também no caso de marcadores, mas têm efeito menos imediato, devido à indeterminação semântica de marcadores. Antes de discutirmos essa questão em mais pormenor, vamos primeiro descrever os sentidos mais frequentes dos marcadores *afinal* e *enfim*.

## 2. Sentidos

### 2.1 Afinal

Existem três usos principais de *afinal*. O emprego original exprime uma localização temporal de um evento. No seguinte exemplo, *afinal* sinaliza que o acontecimento destacado na oração teve lugar no fim de uma sequência de eventos. Nesse uso, a interpretação é a do sentido literal ‘no final (de)’ ou ‘depois (de)’:

(3) Aí estive a folhear apenas, solfejando à meia voz os trechos favoritos, e quiçá buscando um que respondesse aos recônditos pensamentos, ou antes que traduzisse o indefinível sentimento de sua alma naquele instante. Parece que achou **afinal** essa nota simpática, pois sua voz desprenhia-se num alegro de bravura (José de Alencar, *Senhora*)

Além disso, *afinal* tem também uma função concessiva parafraseável como ‘no entanto’ ou ‘apesar de tudo’. No exemplo (4), o desenvolvimento mencionado depois do marcador contradiz as profecias do fim do mundo.

(4) Maias dizem que **afinal** o mundo não acaba em 2012. (*Jornal de Notícias*)

*Afinal* comumente serve como um marcador justificativo usado para introduzir uma informação que reforça o que foi dito no segmento anterior. No exemplo a seguir, *afinal* introduz uma ideia na oração anfitriã (*host clause*) que justifica o otimismo da resolução na frase anterior.

(5) Tara! Casa. Irei para casa. E vou pensar de uma maneira de reconquistá-lo. **Afinal**... amanhã é outro dia. (1939, *E Tudo o Vento Levou*, tradução de *Gone With The Wind*)

Por último, além dos usos principais resumidos acima, existe também uma função que parece ser transicional entre o valor concessivo e justificativo. Essa função pode ser denominada de interrogativa, ou seja, usada em perguntas feitas para estabelecer a natureza da proposição, seja ela concessiva ou justificativa.

(6) O vendilhão do Templo não podia acreditar no que estava ouvindo. Desafiava-o, o Silencioso? Questionava sua autoridade? Mas, **afinal**, o que estava havendo? (Moacyr Scliar, *Os Vendilhões do Templo*)

## 2.2 Enfim

É possível distinguir minimamente cinco usos de *enfim*<sup>3</sup>. O mais frequente, muito provavelmente, é como indicador de síntese conclusiva, em que relaciona uma construção ou um termo geral que sintetiza outros mais específicos apontados anteriormente no discurso, como se pode verificar nos exemplos que seguem:

(7) A região transformava-se dia a dia, tomava já um jeito de povoado, e por toda a parte viam-se valos, lavouras, cercas, roçados, sinais, **enfim**, de que aqueles

---

<sup>3</sup> Consultar Macário Lopes (2008b) para uma descrição de maior fôlego dos usos de *enfim* no português europeu.

estrangeiros começavam a dominar a paisagem, que de resto ali era suave e submissa. (Érico Veríssimo, *O continente*)

(8) Havia muito que João Romão vivia exclusivamente para essa idéia [sic]; sonhava com ela todas as noites; comparecia a todos os leilões de materiais de construção; arrematava madeiramentos já servidos; comprava telha em segunda mão; fazia pechinchas de cal e tijolos; o que era tudo depositado no seu extenso chão vazio, cujo aspecto tomava em breve o caráter estranho de uma enorme barricada, tal era a variedade dos objetos que ali se apinhavam acumulados: tábuas e sarrafos, troncos de árvore, mastros de navio, caibros, restos de carroças, chaminés de barro e de ferro, fogões desmantelados, pilhas e pilhas de tijolos de todos os feitios, barricas de cimento, montes de areia e terra vermelha, aglomerações de telhas velhas, escadas partidas, depósitos de cal, o diabo **enfim**; ao que ele, que sabia perfeitamente como essas coisas se furtavam, resguardava, soltando à noite um formidável cão de fila. (Aluísio Azevedo, *O cortiço*)

Em (7), *valos, lavouras, cercas e roçados*, elementos específicos, são *sinais* da presença estrangeira; nesse caso, *enfim* aponta para o final da enumeração de itens, sintetizados como *sinais*. Uso semelhante verifica-se em (8), em que *enfim* aparece depois de uma extensa listagem de itens, resumidos pelo termo generalizante *o diabo*.

*Enfim* é usado também para indicar a conclusão de uma listagem, como exemplica (9):

(9) Aos poucos iam realizando coisas, fundando colônias novas, cultivando a terra, exercendo, **enfim**, um apreciável artesanato. (Érico Veríssimo, *O continente*)

Embora este uso assemelhe-se bastante a (7) e (8), no último exemplo não é possível estabelecer uma relação geral-específico entre os termos que antecedem e os que seguem *enfim*; trata-se muito mais da sinalização da inserção do último termo da lista do que de qualquer termo que sintetize os demais anteriormente apresentados.

Outro uso de *enfim* que mantém seu sentido conclusivo é como fechamento de acontecimentos ordenados temporalmente, como atestam (10) e (11).

(10) Era gordo e pesado, tinha a respiração curta e os olhos dorminhocos. Uma das minhas recordações mais antigas era vê-lo montar todas as manhãs a besta que minha mãe lhe deu e que o levava ao escritório. O preto que a tinha ido buscar à cocheira, segurava o freio, enquanto ele erguia o pé e pousava no estribo; a isto seguia-se um minuto de descanso ou reflexão. Depois, dava um impulso, o primeiro, o corpo ameaçava subir, mas não subia; segundo impulso, igual efeito. **Enfim**, após alguns instantes largos, tio Cosme enfeixava todas as forças físicas e

morais, dava o último surto da terra, e desta vez caía em cima do selim. (Machado de Assis, *Dom Casmurro*)

(11) Ela não percebe, a mulher, que o tremor é seu, como não percebera que aquilo que a queimava não era o fim da tarde encalorada e sim o seu calor humano. Ela só percebe que agora alguma coisa vai mudar, que choverá ou cairá a noite. Mas não suporta a espera de uma passagem, e antes da chuva cair, o diamante dos olhos se liquefaz em duas lágrimas. E *enfim* o céu se abranda. (Clarice Lispector, *A descoberta do mundo*)

Note-se que em (10) e (11) *enfim* pode ser substituído por marcadores como *por último* ou *finalmente*, o que não ocorre nos usos anteriores.

*Enfim* é utilizado também como sentido justificativo, à semelhança desse mesmo uso de *afinal*; vejam-se os exemplos a seguir:

(12) — Aos quarenta e cinco anos a gente fica meio pesadote — diz o médico, já ofegante. - Tu **enfim** és um jogador de tênis... (Érico Veríssimo, *O arquipélago*)

(13) — Que é que você está dizendo?... O que nós somos hoje a eles devemos? Qual! É verdade que uns inventaram plantação de trigo... isso **enfim**, era bom...; sempre era uma fartura; noutras casas plantavam e fiavam linho... também não era mau, isso; noutras cardavam lã... (Simões Lopes Neto, *Melancia – Coco Verde*)

É possível sinalizar ainda o uso de *enfim* como marcador de expectativa ou avaliação, substituível por *finalmente*, como em (14) e (15); nesse caso *enfim* parece funcionar como um advérbio de frase, podendo aparecer em diferentes locais na sentença.

(14) — Ora, **enfim**, cá estou! (Machado de Assis, *Esau e Jacó*)

(15) Foi Rafael quem **enfim** rompeu o silêncio. (Maristela Scheuer Deves, *O caso do buraco*)

### 3. Desenvolvimento diacrônico

Em português, usos de *afinal* como marcador são relativamente recentes e só aparecem no século 19, semelhantemente como no caso de seu equivalente inglês *after all* que, segundo Lewis, surge no século 18 ou talvez ainda mais tarde (LEWIS, 2007, p. 94). O marcador *afinal* parece ter seguido o mesmo rumo de evolução que seu equivalente inglês *after all*, analisado por Traugott (1997) e Lewis (2006) (2007). Já que o desenvolvimento de *afinal* pode ser

traçado da mesma maneira, a seguinte descrição utiliza a terminologia emprestada das análises da expressão inglesa *after all*:

## I. Uso temporal

Tal como *after all* em inglês, *afinal* também começou por ter valor temporal. Segundo Macário Lopes (2008a), *afinal* era “ordenador temporal, sinalizando que a situação descrita pela proposição que tipicamente introduz é a última de uma sequência” (p. 15).

No exemplo (16), a última ocorrência (anexação renovada) tem lugar no fim de uma série de mudanças administrativas da província. Nessa etapa de uso do advérbio *afinal*, ainda não há sinais claros de concessão nem justificativa.

(16) "Timor ... pertenceu primeiro ao Estado da Índia, depois foi declarada província autónoma, depois anexada a Macau, depois desanexada, tornada a anexar, restabelecida na sua autonomia e *afinal* de novo anexada!" (Francisco de São Luiz Saraiva, *Os Portuguezes em Africa, Asia, America e Oceania*, 1850)

O uso original tem três grafias *a final*, *ao final* e *afinal*, das quais a primeira é antiga e hoje não utilizada (DE QUEIROZ PIACENTINI, 2012, p. 107). As seguintes frases são exemplos de usos com grafias alternativas.

(17) a. *Ao final do terceiro ato*, amigos e inimigos confraternizaram-se numa estupenda oração. (*Revista do Instituto geographico e historico da Bahia*, 1847)

b. ...poderião as tropas europeas ganhar alguns triunfos efemeros, mas que *a final*, serão expellidos. (*Diario das Cortes Geraes e Extraordinarias da Nação Portuguesa*, 1822)

## II. Uso concessivo

A partir do uso temporal, surgem valores discursivos do *afinal*, através dos quais o falante transmite sua atitude. Nas palavras de Traugott, “houve um incremento na medida em que as palavras conduzem o ponto de vista do falante sobre a situação.”<sup>4</sup> (TRAUGOTT, 1988, p. 408)

---

<sup>4</sup> “...there is an increase in the extent to which the words encode the speaker's point of view on the situation.”



O valor concessivo é uma continuação do uso temporal. Segundo Macário Lopes, esse uso "sinaliza quebra de expectativa" (2008a, p. 16) proporcionada pela proposição que *afinal* introduz. Esse uso resultou de co-ocorrência de *afinal* com a conjunção *mas*.

Nesse sentido, Moura Neves (2000, p. 864) afirma que construções concessivas e construções adversativas têm sido inseridas “entre as conexões contrastivas, cujo significado básico é ‘contrário à expectativa’, um significado que se origina não apenas do conteúdo que está sendo dito, mas, ainda, do processo comunicativo e da relação falante-ouvinte”.

No exemplo abaixo, a irritação do autor com o ensaiador ocorre como contra-expectativa apesar de vitórias prévias. Embora a ira do autor seja uma ocorrência situada no tempo, mais essencial do que a relação temporal é o aparente contraste lógico entre as ideias mencionadas na oração.

(18) E então que louros!.. ganhámos a batalha d'Austerlitz em todos os districtos... Mas **a final** puz-me de candeias às avesas com o diabo do ensaiador, porque, como tinha ciumes de mim, mettia-me sempre nos Prussianos. (Gandino M. Martins, *Archivo theatral, ou collecção selecta dos mais modernos dramas do theatro francez*, 1842)

### III. Uso justificativo

O valor justificativo emerge depois do concessivo. Esse valor é mais afastado do uso temporal, já que o evento descrito na oração não tem de ocorrer depois de uma sequência temporal. Macário Lopes defende que o valor justificativo deve ter surgido em contextos de co-ocorrência de *afinal* com a conjunção *porque* como “consequente reforço redundante do valor da conjunção causal/explicativa”. (2008a, p.16)

No exemplo abaixo, o bastante óbvio fato da liberdade é um argumento dado a favor da asserção de que a falante pode falar com franqueza. A liberdade em questão não precisa ser uma ocorrência temporal.

(19) a. Eu cumpro lealmente com o que prometti e, quando não estivesse disposta a fazel-o, dil-o-hia com franqueza, **porque afinal** sou livre! (Aluísio Azevedo, *A mortalha de Alzira* 1895)

É importante relatar que os valores concessivo e justificativo sucederam o uso conectivo do marcador *enfim* cujo valor retórico já foi registrado no século 18. No *Novo Diccionario das Linguas Portugueza e Franceza*, a locução *em fim* aparece na entrada *finalmente*, definida como

‘em conclusão’ (MARQUES, 1764, p. 295). Assim, os dois marcadores são separados por um período de aproximadamente um século, tempo suficiente para o marcador anterior se estabelecer firmemente na língua.

#### 4. Princípio de Contraste (Clark 1980)

A existência de duas formas com um sentido comparável parece estar em conflito com o que Clark (1980) chamou de Princípio de Contraste, definido da seguinte forma:

Princípio de Contraste: Os sentidos convencionais de cada duas palavras (ou padrões de formação de palavras) contrastam<sup>5</sup>. (p. 4)

Segundo o Princípio de Contraste, uma palavra nova só pode entrar no léxico de uma língua se ela fizer uma contribuição semântica, distinguindo-se de sinônimos mais próximos. Clark defende que é esse princípio que impede a introdução de verbos como *\*to car* (*\*carroar*), porque tal verbo duplicaria o sentido do verbo *to drive* (*dirigir*). Segundo ela, a resistência a palavras sem um conteúdo original evidente é resultado de seguir a estratégia que diz “Use palavras existentes antes de construir novas.”<sup>6</sup> (id., p. 5)

Partindo do princípio de Clark, não deveriam coexistir marcadores com os mesmos sentidos; o marcador *afinal* nem sequer deveria ter entrado no léxico. Por outras palavras, o surgimento de *afinal* é surpreendente porque, como argumenta Vicente (2009), a gramaticalização de novas formas funcionais “ocorreria devido às necessidades de comunicação não-satisfeitas pelas formas existentes no sistema linguístico e à existência de conteúdos cognitivos para os quais não existem designações linguísticas adequadas” (p. 23).

O paradoxo pode ser explicado considerando que marcadores de justificativa não integram esse sentido como conteúdo convencionalizado do mesmo modo que um substantivo como “fim” convencionaliza a parte final de uma série. Marcadores somente se associam a relações retóricas que já estão claras. Quaisquer que sejam as atitudes retóricas do falante — concessivas, justificativas ou outras — elas são muitas vezes bastante transparentes mesmo sem a mediação de marcadores. Como argumenta Łyda (2007), “concessão [...] pode ter seus marcadores visíveis como *no entanto* e *mas*, aliás com mais frequência os marcadores são

---

<sup>5</sup>(X) Principle of Contrast: The conventional meanings of every two words (or word formation devices) contrast. (Clark 1980, p.4)

<sup>6</sup>“Use available words before you construct new ones.”

ausentes e, o que é ainda mais importante, com a mesma frequência as mesmas expressões não funcionam como marcadores de Concessão” (p.16)<sup>7</sup>. Em (20), a primeira frase introduz uma ideia, e depois é apresentado um argumento indiscutível a favor dessa ideia. Tal organização sugere de forma bastante clara que a segunda frase serve como justificativa.

(20) Dance e divirta-se. É seu casamento!

O sentido justificativo é evidente o suficiente para ser deduzido somente a partir dos significados das elocuições; não é necessário marcar esse sentido por meio de *afinal*, que pode aparecer só para ênfase adicional. Sendo assim, marcadores não têm sentidos convencionais e se de fato assumem um sentido na frase, é só uma fração do sentido total cuja maior parte vem do contexto.

Essa tendência a acrescentar um sentido apenas parcial e auxiliar pode explicar como um marcador entrou no léxico apesar da presença de um outro marcador que já possui uma função semelhante (ou até a mesma). Simplesmente, tal sentido não é conteúdo estável – ele provavelmente não é distinto nem perceptível o suficiente para se comparar com um outro sentido semelhante e bloquear a criação de um novo marcador com esse sentido. A dificuldade de distinguir e descrever os sentidos de marcadores foi observado por Blakemore, que constatou que, “se se perguntar a um falante nativo o que eles significam, é mais provável que se receba uma descrição ou ilustração de uso do que uma paráfrase direta.” (BLAKEMORE, 2002, p. 83)<sup>8</sup>

No entanto, em tal situação existe alguma tensão entre palavras que coexistem sem aparente contraste que justifique sua coexistência. Uma delas deve prevalecer em um determinado uso, já que, mesmo que coexistam, não se podem duplicar indefinitivamente. Como se vai verificar na próxima seção, é precisamente o que ocorre: *enfim* justificativo está cedendo lugar a *afinal*.

---

<sup>7</sup>“Concession ... may have its surface markers like *although* and *but*, yet most frequently the markers are absent and, even more importantly, equally often the same expressions do not function as markers of Concession.”

<sup>8</sup>“Ask a native speaker what these mean, and you are much more likely to receive a description or illustration of their use than a straightforward paraphrase.” (2002, p. 83)

## 5. Corpus

Para verificar o comportamento dos dois marcadores coexistentes, analisamos as suas frequências no Corpus do Português Davies-Ferreira<sup>9</sup>. O objetivo principal da análise é comparar o número de usos de *afinal* e *enfim* com o valor justificativo, já que é um uso que esses dois marcadores partilham.

A dificuldade do presente estudo consiste em isolar usos justificativos por entre todos os restantes, o que representa um considerável desafio, visto que é impraticável uma análise manual de mais de 10 mil usos encontrados no *corpus* (no total, há 4477 ocorrências de *afinal* e 5475 de *enfim*). Em vez disso, foram feitas duas contagens diferentes. Primeiro, foram contados todos os usos de marcadores nos séculos 14 – 20, incluindo todos os valores dos marcadores. Segundo, foram extraídos usos de *afinal*, *enfim* e *por fim* seguidos do verbo *ser*, porque orações com esse verbo tendem a exprimir relações justificativas.

Os resultados são apresentados nas Tabelas 1 e 2 tal como nos Gráficos 1 e 2. O *Corpus* Davies – Ferreira contém 45,606,959 palavras no total, mas os números diferem dependendo do século, pelo que os resultados foram calculados por 1 milhão de palavras para cada século. Assim, por exemplo, o marcador *enfim* foi usado 105 vezes no século 18, um período representado por 2,234,951 palavras no *Corpus*, o que significa que na escala de 1 milhão de palavras, *enfim* aparece 47 vezes.

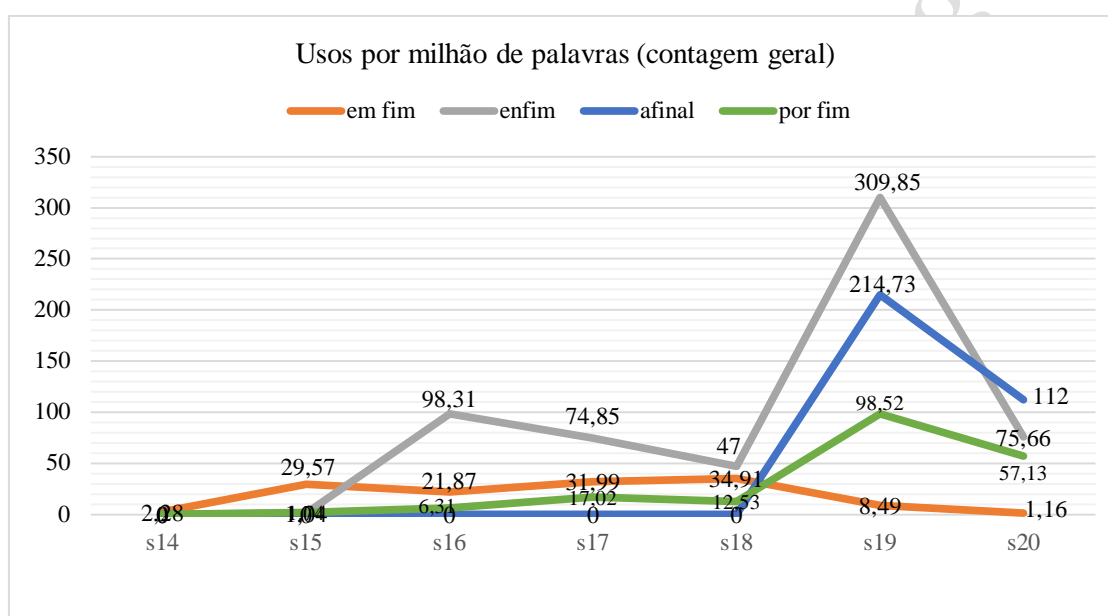
Os resultados da contagem de todos os usos dos marcadores (Tabela 1 e Gráfico 1), mostram que, há dois séculos, aumentou o uso dos mesmos. Isto pode ser considerado como evidência de que o século 19 é o período de surgimento intenso de usos discursivos, especialmente no caso do marcador *afinal*, que anteriormente era usado somente no valor temporal. Os números sugerem que o advérbio *enfim* já fora usado como marcador muito antes, no século 16 (suas funções discursivas são relatadas no dicionário de Marques de 1764 mencionado na seção 2), mas no século 19 sua frequência triplicou em comparação ao século 16.

---

<sup>9</sup>Davies, Mark & Michael Ferreira. (2006-) *Corpus do Português: 45 milhões de palavras, 1300s-1900s*. Disponível online <http://www.corpusdoportugues.org>.

**Tabela 1**- Frequências de uso de marcadores discursivos

	s14	s15	s16	s17	s18	s19	s20
<i>em fim</i>	2,28	29,57	21,87	31,99	34,91	8,49	1,16
<i>enfim</i>	0	1,04	98,31	74,85	47	309,85	75,66
<i>porfim</i>	0	1,74	6,31	17,02	12,53	98,52	57,13
<i>a final</i>	0	0,35	0	0,59	0,9	1,6	0
<i>afinal</i>	0	0	0	0	0	214,73	112
<i>afinal de contas</i>	0	0	0	0	0	9,19	6,83
<i>emconclusão</i>	0	0	0	0	0	2,3	0,91
<i>no fim das contas</i>	0	0	0	0	0	0	0,48
<i>ao fim e ao cabo</i>	0	0	0	0	0	0	1,73

**Gráfico 1** - Frequências de uso de marcadores discursivos

O que é menos claro é por que as frequências de *afinal* e *enfim* caem no século 20. O gráfico acima não deve ser interpretado como sugerindo que os usos justificativos entraram em declínio. Como foi indicado na seção 1, os marcadores têm outros usos além do de *justificativa*, e foram esses (especialmente o uso temporal) que cederam no século 20.

Para se ver o que aconteceu com *enfim* e *afinal* nos usos justificativos, é preciso comparar seus empregos com expressões dedicadas a tais usos. No corpus calculamos as frequências dos marcadores seguidos do verbo *ser*. Trata-se de um atalho para delimitar usos justificativos, seguindo a lógica de que o verbo *SER* no presente expressa fatos, não eventos. Eventos normalmente são mencionados em usos temporais ou concessivos. Já fatos, por outro lado, tipicamente fazem parte do conhecimento geral; são ideias certas, inquestionáveis, o que

significa que com *afinal* costumam ser usadas para fortalecer asserções em usos justificativos.

Assim conseguimos usos como (21):

(21) a. Por certo que não és nenhuma velha; e contudo estás em idade de casar. – Tão cedo.. – Não no nosso país, Celina, onde tudo é rápido e precoce. **Enfim**, eu **sou** tua tia, meu pai é teu tutor, e por dever santo e respeitável devo procurar para ti um estado.. uma posição. (Joaquim Manuel de Macedo, *Os Dois Amores*)

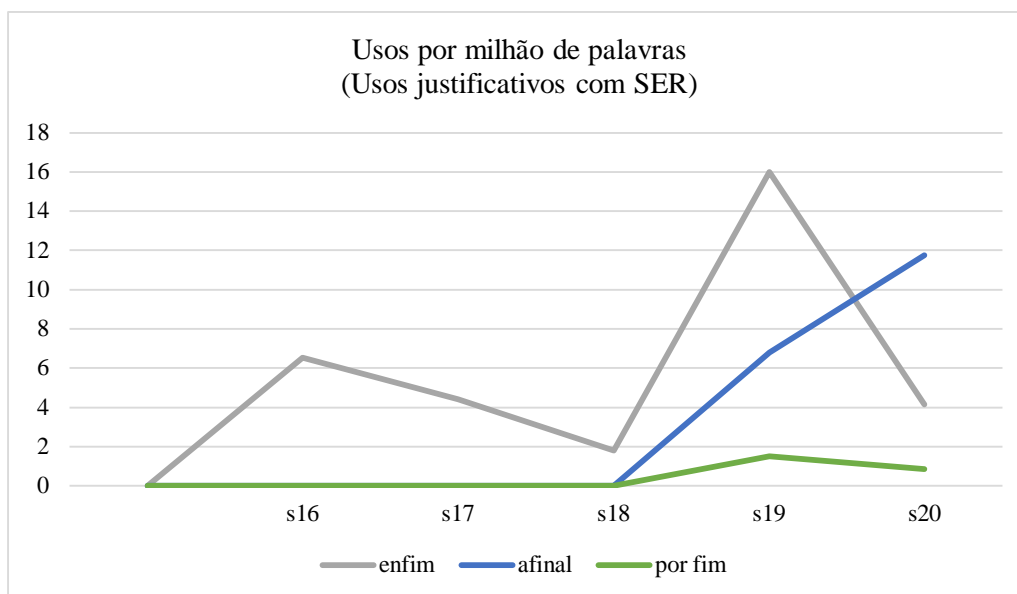
b. Crescia nele mais do que nunca a sua irritação contra Berta. – Mas que tenho eu com Berta - reconsiderava ele -, para me importar com isto? **Afinal são** pequenas fraquezas de rapariga e.. (Júlio Dinis, *Os Fidalgos da Casa Mourisca*)

c. Mas - interrompeu Garcia Vaz -, também o bispo prometeu que nos entregava Pêro Cão para o enforcarmos e ele ainda está dentro do paço, rindo e zombando dos gritos do povo.. que **por fim é** povo, não sabe senão gritar. (Almeida Garret, *O Arco de Sant'Ana*)

Dessa maneira, obviamente, não se consegue isolar todos os usos justificativos, mas constrói-se um ambiente colocacional idêntico para ambos os marcadores, que permite comparar as frequências deles ao longo dos séculos. Assim, obtivemos os dados apresentados na Tabela 2. Entre os séculos 19 e 20, no caso do marcador *enfim*, verifica-se uma queda, tal como é evidente na contagem geral (Tabela 1). Porém, o uso de *afinal*, por sua vez, cresce no século 20. Essa inversão mútua é evidente no Gráfico 2.

**Tabela 2** - Frequências de usos justificativos com o verbo SER

	s16	s17	s18	s19	s20
<i>enfim</i>	6,54	4,4	1,79	15,99	4,14
<i>afinal</i>	0	0	0	6,79	11,74
<i>por fim</i>	0	0	0	1,5	0,87



**Gráfico 2-** Frequências de usos justificativos com o verbo SER

Convém observar que, embora a queda do *enfim* fosse compensada pelo aumento do *afinal* no século 20, mesmo assim a soma das frequências dos marcadores caiu ligeiramente. No valor justificativo, *afinal* e *enfim* foram usados 22,78 vezes por milhão de palavras no século 19 e 15,88 vezes no século 20, o que representa uma diferença de 6,9 usos. Uma possível explicação dessa redução é que depois de superar o marcador *enfim*, o *afinal* justificativo entrou em competição com *pois*, *porque*, *já que* e outras formas que também marcam relações justificativas; talvez o uso tenha tornado essas conjunções mais fortalecidas em termos de sentido justificativo.

Não obstante, existem indicações de que a concorrência entre *afinal* e as conjunções *pois* e *porque* não vai resultar na eliminação de nenhuma dessas formas. Enquanto a diferença entre *enfim* e *afinal* no valor justificativo, se houver alguma, parece ser muito sutil, o contraste entre *afinal* e as conjunções *porque* e *pois* é muito mais evidente. Isto é, sendo mais enfático, *afinal* só pode ser usado para indicar fatos indisputáveis, ao passo que *porque* pode introduzir quaisquer ideias, por mais incertas ou especulativas que sejam (22a). É claramente anômalo seu uso sequencial com várias hipóteses hesitantes (22b).

(22) a. “Nesse momento fazem seis meses, seis dias e seis horas exatos que estou esperando o telefonema de Ana. Talvez ela não ligou porque não tinha telefone na caverna, talvez porque ela não quis, talvez porque fui idiota e deveria ter pego o número dela...” (Delson Borges, *PÔ Emas E TextÍculos*)

b. ...(ainda) estou esperando o telefonema de Ana. Talvez \*afinal não tinha telefone

na caverna, talvez \*afinal ela não quis, talvez \*afinal fui idiota e deveria ter pego o número dela.

Assim, graças ao contraste claro entre essas formas, elas não infringem o Princípio de Contraste. *Afinal* não está em competição com *pois* ou *porque*, ou ao menos não rumo a eliminação quaisquer desses marcadores.

Já a situação de *enfim* e *afinal* é diferente. Dado que ambos partilham o valor justificativo, um deles tem que superar o outro. Os números dos corpora confirmam que é precisamente isso que está em marcha: *afinal* parece tomar o lugar do *enfim*. Isso também se pode verificar com base na tradução da frase *After all, tomorrow is another day* do filme *E Tudo o Vento Levou* (usado no exemplo 5 acima). Na Rede, pode-se encontrar duas versões principais de sua tradução em português (23a-b), o que pode ser tido como mais uma evidência de que *enfim* e *afinal* têm valores muito próximos. No entanto, as duas traduções não têm frequências simétricas: no *Google*, a primeira (23a), com *afinal*, ocorre 18,000 vezes e a com *enfim* (23b) 3,090 vezes (em 2 de fevereiro 2015). É tentador especular que, no século 19, as frequências teriam sido invertidas.

- (23) a. Afinal, amanhã é outro dia.  
b. Enfim, amanhã é outro dia.

## 6. Conclusões

É possível encontrar uma bibliografia considerável sobre marcadores discursivos, seja referente à variedade brasileira ou à variedade europeia do português, tanto em sua modalidade oral quanto escrita. Entende-se que marcadores do tipo *mas*, *porém* desempenham seu papel linguístico à medida que explicitam a relação de sentido que já está implicada nas proposições que relacionam.

Desse modo, o presente artigo buscou contribuir para o estudo do uso justificativo dos marcadores *afinal* e *enfim* a partir de dados do Corpus do Português Davies-Ferreira. Foi possível constatar que *afinal* justificativo ganhou espaço em relação a *enfim* justificativo no século 20, ao menos no contexto linguístico a partir do qual os dados foram buscados: precedendo o verbo SER. Pode-se afirmar, portanto, que o uso de ambos os marcadores não



infringe o Princípio de Contraste; embora ambos estejam disponíveis, eles não coexistem igualmente quando se leva em conta a frequência de ocorrência na língua.

Um resultado interessante é que a frequência desses dois marcadores considerados conjuntamente nesse contexto sofreu uma considerável queda do século 19 para o século 20, o que pode indicar que outros marcadores com valor justificativo estejam parcialmente competindo com *afinal*; *pois*, *porque*, *já que* são alguns deles. Estudos diacrônicos comparando *afinal* justificativo em relação a esses outros marcadores poderão mostrar se essa hipótese confirma-se.

## Referências

- BLAKEMORE, D. (2002). *Relevance and Linguistic Meaning. The Semantics and Pragmatics of Discourse Markers*. Cambridge: Cambridge University Press. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1017/CBO9780511486456>
- CLARK, E. V. (1980). Convention and innovation in acquiring the lexicon. *Papers and Reports on Child Language Development*, 19, 1-20.
- DE QUEIROZ PIACENTINI, M. T. (2012). *Não Tropece na Língua: Lições e curiosidades do português brasileiro*. Curitiba: Bonijuris.
- LEWIS, D. M. (2006). Discourse markers in English: a discourse-pragmatic view. In K. Fischer, *Approaches to Discourse Particles* (pp. 43-60). Amsterdam: Elsevier.
- LEWIS, D. M. (2007). From temporal to contrastive and causal: The emergence of connective after all. In A. Celle, & R. Huart, *Connectives as Discourse Landmarks* (pp. 89-102). Amsterdam: John Benjamins. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1075/pbns.161.09lew>
- ŁYDA, A. (2007). *Concessive relation in spoken discourse: A study into academic spoken English*. Katowice: University of Silesia.
- MACÁRIO LOPES, A. C. (2008a). *Afinal: elementos para uma análise semântico-pragmática*. *Revista Linguística*, 4 (1), 1-19.
- MACÁRIO LOPES, A. C. (2008b). *Enfim*. *Estudos Linguísticos*, 2, 61-76.
- MOURA NEVES, M. H. (2000). *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP.
- PENHAVEL, E. (2012). O que diferentes abordagens sobre marcadores discursivos têm em comum? (CON)TEXTOS Linguísticos, 6 (7), 78-98.
- PENHAVEL, E. (2005). Sobre as funções dos marcadores discursivos. *Estudos Linguísticos*, 34, 1296-1301.

RISSO, M. S., SILVA, G. M., & URBANO, H. (2002). Marcadores discursivos: traços definidores. In I. V. KOCH, Gramática do português falado. v. VI. Desenvolvimentos (pp. 21-103). São Paulo: Unicamp .

TRAUGOTT, E. C. (1988). Pragmatic Strengthening and Grammaticalization. Proceedings of the Fourteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society , 406-416.

TRAUGOTT, E. C. (1997). The Discourse Connective after all: A Historical Pragmatic Account. Paris: Paper presented at ICL, Paris, July.

VICENTE, R. B. (2009). Mudança gramatical da palavra afinal e sua gramaticalização num contraste entre variedades linguísticas: português do Brasil e de Portugal. São Paulo: Universidade de São Paulo.

Artigo recebido em: 13.02.2015

Artigo aprovado em: 20.04.2015